

DIACRONIA DE SINTAGMAS VERBAIS FRASEOLÓGICOS SOMÁTICOS ESTRUTURADOS COM O SUBSTANTIVO MÃO: CODIFICAÇÕES E INSTITUCIONALIZAÇÕES

DIACRONY OF SOMATIC VERBAL PHRASEOLOGICAL SYNTAGMS STRUCTURED WITH THE NOUN HAND: CODIFICATIONS AND INSTITUTIONALIZATIONS

Roosevelt Vicente Ferreira*

RESUMO: O objetivo desta breve pesquisa¹ é apresentar uma proposta de aplicação dos aspectos teóricos da Fraseologia Histórica com a construção de caminhos diacrônicos de alguns sintagmas verbais fraseológicos formados pelo substantivo somático “mão”, nos momentos sincrônicos do século XVIII ao XXI. O embasamento metodológico é fundamentado nos pressupostos teóricos da Fraseologia Histórica, emanados por Echenique Elizondo (2021b). Tendo como base os sintagmas verbais fraseológicos codificados na obra de Silva (1789), idealizamos a trajetória diacrônica de sintagmas verbais fraseológicos nos aspectos fixacional e idiomático, usando como momentos sincrônicos os *corpora* seculares disponibilizados no Dicionário Histórico do Português do Brasil (DHPB) e as codificações nas principais obras lexicográficas brasileiras. Apesar da pequena amostragem e exíguas ocorrências nos *corpora*, o objetivo de apresentar uma forma de aplicação dos pressupostos teóricos da Fraseologia Histórica foi atingido.

PALAVRAS-CHAVE: Fraseologia Histórica. Codificação. Institucionalização.

ABSTRACT: The objective of this brief research is to present a proposal for the application the theoretical aspects of Historical Phraseology with the construction of diachronic paths of some phraseological verbal phrases formed by the somatic noun “hand”, in the synchronic moments from the 18th to the 21st century. The methodological basis is based on the theoretical assumptions of Historical Phraseology, emanated by

* Pós-doutorando no Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens na Faculdade de Letras, Artes e Comunicações (FAALC), na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: roosevf@uol.com.br.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS/MEC – Brasil.

Echenique Elizondo (2021b). Based on the phraseological verbal phrases codified in the work of Silva (1789), we idealized the diachronic trajectory of phraseological verbal phrases in the fixational and idiomatic aspects, using as synchronic moments the secular corpora available in the Brazilian Portuguese Historical Dictionary (DHPB) and the codifications in the main Brazilian lexicographical works. Despite the small sample and few occurrences in the corpora, the objective of presenting a way of applying the theoretical assumptions of Historical Phraseology was achieved.

KEYWORDS: Historical Phraseology. Codification. Institutionalization.

INTRODUÇÃO

Há muito tempo que grandes pensadores da linguagem se preocupam com o fenômeno linguístico caracterizado pela capacidade de certas unidades lexicais se agruparem em níveis diversos de solidariedade e metaforização em que, em um diálogo contínuo, consolidam ou não um afastamento da literalidade em prol de um conjunto uníssono de sintaxe e significação. Habitam esse universo de combinações estáveis e modelos sintáticos pré-estabelecidos as nominadas unidades fraseológicas, polilexicais ou pluriverbais, de cunho categoriais, as expressões idiomáticas, os ditos populares, os modismos, os provérbios, dentre outros, que perambulam no universo paremiológico, assim como os enunciados de rotina.

A frequência do uso dessas estruturas em todos os gêneros comunicacionais, na maioria das vezes, de forma inconsciente pelos falantes, suscitou visões interessantes da motivação linguística dos usos das estruturas pluriverbais. Whitney (1875) relaciona o significado reduzido das combinações lexicais ao uso de recursos decorativos (forma especial de atenção) pelos falantes. O neogramático Hermann Paul (1880), defensor da linguagem como ciência natural, prega que as ideias das relações sintáticas originam no meio ambiente e passam a constituir associações complexas na alma do indivíduo, sendo apenas uma pequena parte realizada conscientemente. Por sua vez, Saussure (2012 [1916]) afirma que as significações das partes das frases feitas não podem ser improvisadas por serem consolidadas pela tradição.

O campo poliédrico da Fraseologia fornece a possibilidade de estudos que dialogam com diversas áreas, como a lexicografia, a terminologia e a literatura, e a pluridimensionalidade dos estudos linguísticos concebe a oportunidade de se investigar as estruturas pluriverbais pelos diversos pontos de vista.

Dessa forma, neste trabalho, analisamos os caminhos históricos de sintagmas verbais fraseológicos somáticos da língua portuguesa brasileira, estruturados com o substantivo *mão*, sob a égide da Fraseologia Histórica, disciplina essa que é o resultado de um intrínseco diálogo da Fraseologia com a Filologia e as Linguísticas Sincrônica e Diacrônica.

Nesta oportunidade, temos como objetivo apresentar os caminhos diacrônicos percorridos por alguns sintagmas verbais fraseológicos somáticos, entre os séculos XVIII e XXI, fundamentados em *corpora* específicos da língua portuguesa e em aspectos diacrônico-fraseográficos, com amparo nos aspectos teóricos da Fraseologia Histórica.

FRASEOLOGIA HISTÓRICA

Os estudos dos pressupostos da Fraseologia Histórica ou Diacrônica começam a ganhar terreno na linguística espanhola² como uma disciplina específica, com os escritos apresentados por Echenique Elizondo (2003), nos quais são apresentadas possíveis pautas de investigação nos estudos dos processos históricos das unidades fraseológicas, na língua espanhola, e traçam como objetivo da nova abordagem o estabelecimento da diacronia global ou história particular de unidades fraseológicas, incluindo, também, os aspectos fraseográficos sob a perspectiva diacrônica, constituindo caminhos metodológicos específicos.

A partir daqueles primeiros escritos, a autora Echenique Elizondo (2005, 2016, 2017, 2021a, 2021b) consolidou o arcabouço teórico da Fraseologia Histórica na língua espanhola com a apresentação de uma série de princípios que, conforme a fraseóloga, objetiva a consolidação de uma proposta de investigação de amplo espectro.

Como via metodológica para o arcabouço da Fraseologia Histórica, a fraseóloga adota o enfoque filológico que aproxima o caráter linguístico-histórico da fraseologia, com a finalidade de se estabelecer uma cronologia absoluta dos processos, particular e geral, situando-os em um tempo e lugar concretos, levando em consideração a tipologia e os textos conservados que servem de testemunhas, em um *continuum* concreto e cultural da história. Dessa maneira, as recopilações de caráter fraseológico que refletem os diversos momentos históricos, que, em muitos casos, são testemunhas da oralidade de cada época, só são resgatadas pela correta aplicação do método filológico.

Sob o ponto de vista da Fraseologia Histórica, o processo de formação das unidades fraseológicas (fraseologização) origina-se na ocasionalidade da fala e pelo seu uso atinge o reconhecimento institucional (institucionalização) por meio do registro em textos de intenção codificadora, principalmente dicionários (dicionarização) e gramáticas (gramatização):

Pois bem, para concretizar em que consiste o “reconhecimento institucional” digamos que por institucionalização se entende o processo histórico pelo qual uma unidade fraseológica se consolida como peça linguística no marco normativo de uma língua histórica em virtude

² Que pese a existência de outras visões a respeito da Fraseologia Histórica, a base teórica deste trabalho está fundamentada somente nos pressupostos provenientes dos estudos da fraseóloga Doutora María Teresa Echenique Elizondo.

do seu grau variável de fixidez e de idiomaticidade.³ (ECHENIQUE ELIZONDO, 2021b, p. 181, tradução nossa).

Dessa forma, o processo de institucionalização é posterior ao da fraseologização e da codificação, sendo também responsável pela seleção e consolidação das variantes preferidas. Por esse processo, as unidades fraseológicas são codificadas e normatizadas conforme os seus níveis fraseológicos no encadeamento diacrônico.

Echenique Elizondo (2021b, p. 111 e seguintes) apresenta uma listagem de fontes e recursos específicos para a investigação histórica fraseológica: repertórios de caráter gramatical, de caráter lexicográfico, os propriamente fraseológicos e textos poéticos. Das gramáticas dos períodos históricos, podemos encontrar os exemplos de unidades fraseológicas catalogadas conforme a consideração tradicional da função gramatical que desempenham. Já os dicionários históricos de todos os tipos, monolíngues a plurilíngues, que possuem inserções fraseográficas se apresentam como uma importante fonte de investigação. Sobre isso, assevera a teórica:

O rastreio lexicográfico em busca de fraseologia proporciona dados importantes sobre o processo constitutivo das unidades fraseológicas e, juntamente com alguns aspectos da fraseografia, revela-se fonte de excelência para o estudo histórico; não em vão o trabalho lexicográfico é fruto de uma profunda reflexão sobre cada um dos elementos incluídos no dicionário.⁴ (ECHENIQUE ELIZONDO, 2021b, p. 116, tradução nossa).

Nessa direção, os repertórios propriamente fraseológicos são alcançados pelas codificações em publicações específicas voltadas ao inventário de unidades pluriverbais e em obras lexicográficas de caráter geral publicadas em momentos históricos específicos.

Por esse caminho, a aplicação dos pressupostos da Fraseologia Histórica recai sobre os textos escritos, dicionarizados ou não, que demandam recopilações de caráter fraseológico que refletem os diversos momentos históricos, em que inúmeras pautas são passíveis de análises, dentre elas, as características fraseológicas basilares formadas pela fixação e idiomaticidade.

Em relação a esses aspectos básicos, Echenique Elizondo (2003, p. 552) destaca que a fixação se traduz no nível de impossibilidade de um reordenamento e a escolha dos componentes que formam a estrutura, refletindo, assim, em possibilidades ou não de variações, e, por sua vez, Enfatiza Echenique Elizondo (2021b, p. 183, tradução nossa) que a idiomaticidade

³ Pues bien, para concretar en qué consiste el “reconocimiento institucional” digamos que por institucionalización se entiende el proceso histórico por el cual una unidad fraseológica se consolida como pieza lingüística en el marco normativo de una lengua histórica en virtud de su grado variable de fijeza y de idiomaticidade.

⁴ El rastreo lexicográfico en busca de fraseología proporciona datos importantes sobre el proceso constitutivo de las unidades fraseológicas y, juntamente con algunos aspectos de la fraseografía, se revela fuente de excelencia para su estudio histórico; no en vano la labor lexicográfica es consecuencia de profunda reflexión sobre cada uno de los elementos insertos en el diccionario.

se manifesta no nível léxico pelas características da fixação e na seleção léxica e, “com grande certeza, a amplitude de valores e matizes semânticas de algumas unidades fraseológicas é indicadora de um extenso caminho no tempo”⁵.

Dessa forma, em consonância com as particularidades da Fraseologia Histórica, buscamos uma pequena prática com as análises de caminhos diacrônicos fixacionais e idiomáticos de sintagmas verbais fraseológicos somáticos da língua portuguesa brasileira, fundamentados nas ações metodológicas descritas na próxima seção.

METODOLOGIA

Ao trabalharmos com a perspectiva diacrônica prospectiva, a primeira dificuldade é a decisão da delimitação do espaço temporal que percebemos como estado da língua que serve de fotografia base para a construção dos contrastes diacrônicos. Saussure 1916 [2012], p. 146) destaca que “na prática, um estado de língua não é um ponto, mas um espaço de tempo, mais ou menos longo, durante o qual a soma de modificações é mínima. Pode ser de 10 anos, uma geração, um século e até mais”. Aproveitando-nos desta visão, resolvemos adotar como momento sincrônico o período de um século e, dessa forma, elaboramos os dados da pesquisa e os passos organizacionais sob esse ponto de vista temporal.

A justificativa pela escolha da análise de combinações léxicas fraseológicas que abarcam uma parte do corpo humano recai na sua existência universal e com isso, a possibilidade futura de estudos contrastivos formais e semânticos dessas expressões em outras línguas. Por sua vez, a escolha dos sintagmas verbais fraseológicos como objeto de análise deu-se pela versatilidade dos paradigmas verbais (Ruiz Gurillo, 1997) e por melhor representarem o fenômeno linguístico do universo somático e possibilitarem uma vasta heterogeneidade analítica (García-Page, 2008).

À visto disso, o caminho metodológico da pesquisa segue as fundamentações do enfoque filológico que embasa os meandros da Fraseologia Histórica. O ponto de vista da pesquisa recai na perspectiva diacrônica prospectiva, tendo como objeto sintagmas verbais fraseológicos somáticos, estruturados morfológicamente como o substantivo “mão”, codificados e/ou institucionalizados nos séculos XVIII ao XXI.

Nesse caminho, para a construção da trajetória diacrônica prospectiva dos sintagmas verbais fraseológicos somáticos, utilizamos uma situação analítica filológica híbrida, tendo em vista que não há publicações lexicográficas importantes na língua portuguesa brasileira nos séculos XVIII e XIX. Dessa maneira, estruturamos o caminho diacrônico prospectivo fixacional e idiomático, dos sintagmas verbais fraseológicos, estabelecendo o momento sincrônico base

⁵ Con gran seguridad, la amplitud de valores y matices semánticos de algunas unidades fraseológicas es indicadora de largo recorrido en el tiempo.

a compilação de Silva (1789), intitulada *Diccionario da língua Portuguesa. Composto pelo Padre D. Rafael Bluteau*, considerada a obra embrionária da lexicografia moderna, assentando, assim, a origem da perspectiva analítica no século XVIII. Os dois primeiros momentos sincrônicos, séculos XVIII e XIX, são buscados nos *corpora* seculares disponibilizados pelo *Dicionário Histórico do Português do Brasil (DHPB)*, e as demais fotografias sincrônicas, séculos XX e XXI, são construídas pelas codificações nas obras lexicográficas de Lima e Barroso (1938), Freire (1939 – 1944), Nascentes (1961-1969), Ferreira (1975), (Michaelis...,1998), Ferreira (1999), Houaiss (2001), Borba (2004), Houaiss (2009), Ferreira (2010) e Aulete (2011).

CAMINHOS DIACRÔNICOS

Partindo das entradas fraseográficas inseridas em Silva (1789), apresentamos uma breve construção do caminho diacrônico fraseológico de uma amostragem de sintagmas verbais fraseológicos⁶ somáticos da língua portuguesa brasileira, estruturados com o substantivo *mão*, baseado em possíveis institucionalizações, confirmadas por *corpora* e por codificações em obras lexicográficas, nos aspectos fixacionais e idiomáticos.

Para cada combinação léxica somática, exibimos quadros com as ocorrências nos *corpora* e as codificações inseridas nos dicionários, seguidos de sucintas análises.

Dar a mão a alguém: ajudá-lo. Se auxilião para sua reciproca compreensão.

XVIII	[...] povoação tem outras aliadas não só para acometerem, mas também para se darem a mão ãas a outras, e se defenderem acometidas. Os motivos das suas guerras [...] (Arquivo: AOO 1840) [...] ue há, ou deve fazer: E neste caso eu lhe quero dar a mão , e servir de guia para que não desmae, nem se perca naquele [...] (Arquivo: AOO 1921) [...] e se acham na magnanimidade de algum Príncipe, que lhes [dá] a mão , e um bocado de terreno para cultivar já [ilegível] dão por [...] (Arquivo: AOO 1944) [...] o Ouvidor Geral coberto de frechas e dos inimigos que chigaram a lhe dar a mão tente que andou agiolhou em uha coxa de que despos manquejou muitas vezes com [...] (Arquivo: AOO 2558) [...] que sou imformado, que são navegaveis te o Para, e amasonas darsse a mão com os nossos que la estão, para que assim com toda a comodidade [...] (Arquivo: AOO 0929) [...] -se em Matto-Grosso a infallível maxima, de que quando o commereio não dá a mão á agricultura e á industria (que em Minas consiste só em minerar) (Arquivo: AOO 1229)
XIX	[...] A cor da linda face um novo pejo! Com que custo não dás a mão nevada Ao teu amado Adônis, que a recebe, Como quem lucra nela [...] (Arquivo: AOO_1223)

As poucas ocorrências nos *corpora* mostram a estabilidade do caminho diacrônico fixacional com a substituição da complementação externa “a alguém” por pessoas e fatos

⁶Os exemplos extraídos dos *corpora* estão reproduzidos *ipsis litteris*, e por isso contêm grafias e acentos originais à época.

metafóricos (agricultura e indústria), mantendo sempre o aspecto idiomático de “auxílio” e “compreensão”.

XX	<p>Freire (1939 – 1944) registra, marcando linguisticamente como locução verbal a variante “dar a mão”, com o sentido de “proteger, auxiliar”.</p> <p>Em Ferreira (1975) e Ferreira (1999) são inseridas as variantes “dar a mão a” e “dar uma mão a”, esta última com marcação linguística diatópica brasileira. As bases definicionais são estendidas para, além de “ajudar e auxiliar”, para “estender a mão para cumprimentar” e “dar uma mãozinha a”.</p> <p>(Michaelis...,1998) prioriza a variante “dar a mão”, com a base definicional de “auxiliar”, “estender a mão para cumprimentar” e “ceder ao parceiro a vantagem de ser o primeiro a jogar”.</p>
XXI	<p>Em Houaiss (2001) e Houaiss (2009) a estrutura “dar a mão a”, ganha a variante sintática “dar uma mão ou mãozinha a” e defende as múltiplas definições de “estender a mão a outro em gesto de cumprimento ou felicitações” e “ajudar, vir em socorro de; favorecer, socorrer”</p> <p>Borba (2004) postula à variante “dar a mão”, apenas o sentido de cumprimentar, e à variante “dar uma mão”, o sentido de “auxiliar”.</p> <p>Em Ferreira (2010) observamos a variante “dar a mão a” e “dar uma mão a”, esta última com marcação linguística de “brasileira”, com as definições de “estender a mão para cumprimentar” e “ajudar, auxiliar, amparar; dar uma mão a, dar uma mãozinha a”, e, e Aulete (2011) o complemento externo é marginalizado (3) e variante apresentada possui a fixação de “dar a mão (a)”, com marcação linguística figurativa e com base definicional de “estender a mão (a alguém), para apertar as mãos como cumprimento, felicitações etc. “dar sinais de ausência de mágoa ou rancor, de boas intenções ou bons sentimentos (em relação a alguém), e “ajudar, amparar, ser solidário (com)”. O mesmo acontece com a variante “dar uma mãozinha (a)”, com base definicional de “dar uma ajuda (a), com marcação linguística de popular brasileira.</p>

As codificações, nos séculos XX e XXI, mostram que o caminho diacrônico fixacional trilhado pelo sintagma exhibe inúmeras mudanças que perpassam por variantes gráficas, morfológicas, gramaticais e sintáticas. Há grande alternância do nível da valorização do complemento externo. As variadas possibilidades de reordenamentos fragilizam de forma severa a característica fixacional, podendo inferir que o processo variacional permanece em aberto.

Não diferente, a historicidade idiomática mostra, na diversidade das gramaticalizações, a tipicidade de múltiplos e variados valores denotativos, com aproximações e afastamentos do significado literal. A metalinguagem definicional apresenta os sentidos de “ajudar/auxiliar/proteger” e “cumprimentar”. É oportuno destacar o valor denotativo inserido na codificação da variante “**dar a mão (a)**” na obra de Aulete (2011): “dar sinais de ausência de mágoa ou rancor, de boas intenções ou bons sentimentos (em relação a alguém)”. Podemos observar, dessa forma que as variantes estão codificadas e normatizadas em níveis fraseológicos distintos no encadeamento diacrônico idiomático.

Frente aos fatos, podemos afirmar que o processo diacrônico do sintagma verbal fraseológico “**dar a mão a alguém**”, continua apresentando inúmeras possibilidades fixacionais e idiomáticas no presente momento sincrônico.

Ir á mão: estorvar.

XVIII	<p>[...] irem por onde lhes bem vier, sem serem constringidos nem lhe poderem ir a mão a isto, posto que nos taes portos, cidades, villas e lugares [...] (Arquivo: HOO_0464)</p> <p>[...] nesta materia presente o Furriel da Artilharia desta praça Manoel Luis que lhe fôra á mão, e outros mais que se achavam. Este Alferes e mais aquelle Vigario [...] (Arquivo: Hoo_023)</p> <p>[...] nossa, que era necessario baixarmos os olhos os que alli estavamos e irmos á mão aos que as dizião, porque se não offendessem outros Religiosos que estavam presentes [...] (Arquivo: HOO_0285)</p> <p>[...] e rebeldes, e seguir-se-ha a ruina do Estado, se lhes não forem á mão, e os não contiverem com o castigo dentro das leis da caridade, [...] (Arquivo: Hoo_0286)</p> <p>[...] rio que navegava. Mas para que o Sanches lhe não tornasse a ir á mão nos seus designios, se descartou d'elle em huma daquellas praias, e continuou [...] (Arquivo: Hoo_0297)</p> <p>[...] ate aquelle tempo em guerras licenciosas, sem Pastores, que lhes pudessem ir á mão, crescia nelles a corrupção da sensualidade, e depravação dos costumes, e [...] (Arquivo: Hoo_0613)</p> <p>[...] era travesso e buliçoso ao tempo que ensinavam as orações, elle lhe ia á mão, e lhe fazia estar quedo. Quasi em este tempo chegou o Padre [...] (Arquivo: HOO_0688)</p> <p>[...] e empinados, que quasi todos os cavallos aguaram, até os que iam á mão, e foi preciso sangral -os; o que me causou a demora de [...] (Arquivo: HOO_0718)</p> <p>[...] procedimento por entendermos não ser zelo da fazenda real, sendo necessario ir -lhe á mão nas obras que meditou fazer de uma capella aos presos, que sahiria magnifica [...] (Arquivo: HOO_0740)</p> <p>[...] espirito muy gigante, não havia perdido ainda seu Mestre o cuidado de ir á mão ao seu fervor, alliviando -lhe em algumas cousas o trabalho, e dissimulando [...] (Arquivo: Hoo_0751)</p>
XIX	Nenhum resultado

Na análise dos *corpora*, somente há ocorrências no século XVIII, no qual é possível confirmar uma pequena estabilidade fixacional; no entanto, o aspecto idiomático, alterna de “estorvar” a “auxiliar”.

XX	Freire (1939 – 1944) a variante sintática “ ir à mão a ” com marcação linguística de locução verbal e complementações definicionais: “pôr cobro ou restrição a; impedir, embargar” e “retorquir, retrucar”.
XXI	Apenas Ferreira (2010) disponibiliza as variantes sintáticas “ ir à mão a alguém ” e “ ir à mão de alguém ”, com base definicional de “impedir, obstar; ir à mão de alguém”.

As codificações encontradas nos demais séculos, trazem à tona que o caminho diacrônico fixacional do sintagma é construído por generalizações do componente externo no século XX, e atinge o século XXI concedendo ao componente externo a situação de pessoa, descartando a generalização de “alguma coisa”. Apesar das substituições dos componentes externos, a estrutura mantém um expressivo grau de restrição combinatória, emprestando ao sintagma um bom nível fixacional.

A diacronia idiomática se caracteriza por reforços na gramaticalização exibida em complementações definicionais e múltiplos sentidos figurados. O sentido simplório de “estorvar” caminha por unidades lexicais como “impedir”, “embargar”, “contrariar”, “retorquir, retrucar”. O afastamento do sentido literal do figurado concede ao sintagma um significativo grau de idiomaticidade.

Os dados revelam que o sintagma verbal fraseológico atingiu o século XXI com variantes que inserem a complementação externa somente à pessoa, com um alto nível de idiomaticidade.

Lançar mão de alguma coisa: pegar nella.

<p>XVIII</p>	<p>[...] santidades menos afortunadas, que outras: e ha Escritores cuja miseria os precisa lançar mão de qualquer ficção para comprovar seos assumptos; não faltou hum que valendose deste [...] (Arquivo: AOO_0662)</p> <p>[...] os particulares das sobreditas capitancias para que possam preceder nas mesmas diligencias, e lançar mão dos referidos réos, levando -os em segura custodia, com tudo o que [...] (Arquivo: AOO_0725)</p> <p>[...] ainda que com todos os seus sentidos, entraram os familiares com ânsia a lançar mão, do que mais lhe agradava. Vendo o macaco tirar tanta alfaia, [...] (Arquivo: AOO_1822)</p> <p>[...] mas como os da arte não sortiram efeito, vio-se obrigado a lançar mão dele com bom successo, e perfeito alívio, como já teria experimentado, [...] (Arquivo: AOO_1851)</p> <p>[...] lance mão delas, e as coma. Mas coitado do goloso, que lançar mão de alguma, e a meter na boca, ou lhe meter o dente [...] (Arquivo: AOO_1858)</p> <p>[...] e para matar a fome, que então os mata; porque podendo então lançar mão dos milhos graúdos, de que os brancos já fazem algũas sementeiras para creação [...] (Arquivo: AOO_1903)</p> <p>[...] que ou se não ha de fazer o serviço, ou se ha de lançar mão dos novamente descidos, e nestas conjuncturas eu sou testemunha ocular, não só [...] (Arquivo: AOO_2229)</p> <p>[...] para a canôa, e havendo entrado para a coberta d’ella no designio de lançar mão de um bacamarte, carregou sobre elle o peso todo do gentio e na [...] (Arquivo: AOO_2233)</p> <p>[...] na indagação dos produtos da Historia Natural do meu paiz, não deixarei de lançar mão deste Artigo com brevidade; pois o acho de muita importancia, e o [...] (Arquivo: AOO_2251)</p> <p>[...] que considerava mais prompto e realizala, os meios, de q.e tinha de lançar mão, e os aerios e apparentes fins, com q os illudia e aliciava [...] (Arquivo: AOO_2263)</p> <p>[...] descobre muitas ocasiões de acarrear moradores para estes Distritos, dos quais se deve lançar mão tanto que se ofecerem, como atalhar também todos os outros meios torcidos que [...] (Arquivo: HOO_0214)</p> <p>[...] emfim, as minas dos Guarajás um logar importante, de que se deverá lançar mão na primeira circumstancia favoravel, para com elle, na margem opposta do Guaporè [...] (Arquivo: HOO_0655)</p> <p>[...] de hum Patrimonio decente para esse Senado devem Vmcs. para este duplicado fim lançar mão de outro expediente que não seja contra a disposição das Reaes Ordens, ou [...] (Arquivo: HOO_0922)</p> <p>[...] distancia de vinte e seis legoas, com graves dispendios e encommodos ou a lançar mão do remedio illegal, e por isso insufficiente, e fallivel, que lhes [...] (Arquivo: HOO_0922)</p>
--------------	---

XIX	[...] a cultura de muitos generos, que com vantagem do commercio nacional se poderia lançar mão d'elles. A cultura do café, em Minas de uma qualidade relevante, [...] (Arquivo: AOO_2355) [...] levantar sua airosa cabeça entre estes povos, e dignar-se ensinál -os a lançar mão dos muitos ramos de riquezas e prazeres, que n-estes paizes a prodiga natureza [...] (Arquivo: AOO_2356) [...]
------------	---

As ocorrências nos *corpora* confirmam uma estabilidade, nos dois momentos sincrônicos, do aspecto fixacional e idiomático do sintagma verbal fraseológico codificado na obra fonte. Podemos verificar uma possível institucionalização do aspecto mais literal de “pegar” coisas mais concretas e a “posse” de instrumentos metafóricos.

XX	Freire (1939 – 1944) inventaria a variante “ lançar mão de ”, com marcação linguística de locução verbal, seguindo a conceituação de “servir-se para algum fim de” e é seguido, sem marcação linguística por Ferreira (1975) e Ferreira (1999). Não é diferente em (Michaelis’...,1998) que registra, também “ lançar mão de ”, com acepção definicional de “aproveitar, servir-se de”.
XXI	Houaiss (2001) e Houaiss (2009) inserem a variante “ lançar mão de ” e Borba (2004) marginaliza o complemento externo com “ lançar mão (+de) ”, com base definicional de “valer-se; recorrer (a)”. Em Ferreira (2010) e Aulete (2011) é mantida, também a variante “ lançar mão de ”.

As codificações expõem que o caminho diacrônico trilhado, no aspecto fixacional, é constituído por generalizações do componente externo por meio da preposição “de” em todo o caminho histórico. Apesar das substituições dos componentes externos, a estrutura mantém um expressivo grau de restrição combinatória, emprestando ao sintagma um bom nível fixacional, inferindo um processo de fixação fechado.

A diacronia idiomática aponta reforços na gramaticalização exibida em complementações definicionais, e parte do sentido “pegar em alguma coisa” para “valer-se, servir-se ou recorrer a algo”. A proximidade do sentido literal do figurado concede ao sintagma um grau brando de idiomaticidade.

Os dados indicam, portanto, que o sintagma verbal fraseológico percorreu um caminho diacrônico com codificações que apontam variações apenas nas possibilidades da complementação externa, denotando um interessante grau idiomático, apesar da aproximação literal.

Metter a mão em algum negocio: Entender nelle, toma-lo a sua conta para o concertar, tomar parte nelle. Nobiliar.

XVIII	<p>[...] que me estava incumbido, a mim me pertencia, e tinha jurisdição para metter a mão em todas as repartições, e providenciar como entendesse ser mais proprio a conseguir [...] (Arquivo: AOO_0851)</p> <p>[...] miséria. ALVIANO Comparo isso ao dos bugios que me contastes, que metiam a mão pela bôca da botija vasia e depois a não podiam tirar, e por [...] (Arquivo: AOO_1586)</p> <p>[...] milharal, como esmerilhadores acodem às vasilhas, e sentindo o milho dentro metem a mão, ou as mãos, a provarem-se; e então de repente os [...] (Arquivo: AOO_1822)</p> <p>[...] muitas vezes mais de vinte, ou em quantos socedeo pegar, quanto metem a mão no paiol, que levam à cintura, e com a ponta do pé [...] (Arquivo: AOO_1878)</p> <p>[...] mão preparado um anzol, onde acham por entre as lajes algũa aberta metem a mão com o anzol adiante, e se dentro está a morca assim que sente [...] (Arquivo: AOO_1888)</p> <p>[...] a cabeça e grandes dores nas mãos e braços. Acudí logo em meter a mão em vinagre e barata, com triaga de Veneza, com que logo abrandaram [...] (Arquivo: AOO_0223)</p> <p>[...] projecto, tiveram o tenente-rei e outros muitos de Buenos-Ayres a occasião de metter a mão no sangue dos portuguezes que ainda até alli não tinham logrado: aquelles pobres [...] (Arquivo: HOO_0650)</p> <p>[...] a ninguém chamam ou convidam, também a ninguém excluem. Todos irmãmente metem a mão na mesma cuia; onde um bebe, todos bebem, o pouco chega [...] (Arquivo: HOO_0808)</p> <p>[...] milharal, como esmerilhadores acodem às vasilhas, e sentindo o milho dentro metem a mão, ou as mãos, a provarem-se; e então de repente os [...] (Arquivo: HOO_1822)</p>
XIX	Nenhum resultado

A compilação do *corpus*, relativo ao século XVIII, confirma o aspecto fixacional com a generalização da complementação externa “algum negócio” e a idiomaticidade acessada pela definição da estrutura inicial, abarcando, também, situação de sentido literal (meter a mão na mesma cuia).

XX	<p>Houaiss (2001) registra a variante sintática “meter a mão em.” com base definicional “interferir, intrometer-se em; tomar conhecimento de, examinar”, “roubar, furtar” e “<i>descer o braço</i>”, e “meter mão à obra” com base definicional “lançar-se com resolução e ânimo ao trabalho”.</p> <p>Ferreira (2010) prioriza a variante “meter mãos à obra”, com base definicional de “atirar-se com afinco a um trabalho, a uma atividade” e a sinonímica “pôr mãos à obra”.</p> <p>No seu turno, Aulete (2011) traz a variante “meter a mão em” com base definicional “interferir, intrometer-se em”, “apoderar-se de, roubar” e “dar pancada em, agredir, surrar”.</p>
XXI	<p>Houaiss (2001) registra a variante sintática “meter a mão em.” com base definicional “interferir, intrometer-se em; tomar conhecimento de, examinar”, “roubar, furtar” e “<i>descer o braço</i>”, e “meter mão à obra” com base definicional “lançar-se com resolução e ânimo ao trabalho”.</p> <p>Ferreira (2010) prioriza a variante “meter mãos à obra”, com base definicional de “atirar-se com afinco a um trabalho, a uma atividade” e a sinonímica “pôr mãos à obra”.</p> <p>No seu turno, Aulete (2011) traz a variante “meter a mão em” com base definicional “interferir, intrometer-se em”, “apoderar-se de, roubar” e “dar pancada em, agredir, surrar”.</p>

As codificações exibem um caminho diacrônico fixacional que exhibe variantes léxicas, nas quais o complemento externo generalizado “algum negócio” é substituído pelo substantivo

“obra”. Apesar da substituição do complemento externo, as novas variantes se apresentam com uma ordenação que demanda uma estável restrição combinatória, emprestando ao sintagma um significativo grau de fixação, tendendo a um processo estável de fixação.

A trajetória diacrônica idiomática apresenta complementações definicionais que revelam um breve reforço da gramaticalização, ao final consolidando o valor denotativo de “atirar-se a um trabalho ou atividade com afinco”. A gramaticalização concede um pequeno distanciamento entre o significado literal e o figurado, consolidando um inexpressivo grau idiomático.

Dessa forma, os dados exibem que o sintagma verbal fraseológico aportou o século XXI com significativo grau de fixação e um nível brando de idiomaticidade, corroborando uma boa estabilidade fraseológica.

Morrer ás mãos de alguém: ser morto por elle; e no *fig.* (*Morrer ás mãos da inveja, acabar nas mãos do esquecimento*).

XVIII	[...] que piamente cremos mereceria, por se fazer agradável victima da caridade, morrendo ás mãos da barbaridade na companhia do seu esforçado Capitão, Superior e Mestre. O [...] (Arquivo: AOO_0273). [...] de discorrer entre dous males, que se lhes representam, de ou morrem ás mãos dos índios seus inimigos, ou descerem a servir aos brancos. Ora [...] (Arquivo: AOO_2229)
XIX	[...] creados, e a falta de educação he tal que os que não morrem ás mãos deste verdugo inexoravel, os faz sair de qualidades taes, que se duvida [...] (Arquivo: AOO_0896)

As ocorrências nos *corpora* confirmam, nos momentos sincrônicos dos séculos XVII e XIX, os aspectos fixacionais e idiomáticos apresentados na estrutura inicial, com a possível institucionalização de estruturas que apresentam a complementação externa “de alguém” alternando entre pessoas “verdugo” e “índios” e uma metafórica “barbaridade”.

XX	Freire (1939 – 1944) contempla as variantes gramaticais por mudança de preposição (3), marcando linguisticamente como locuções verbais, “ morrer da mão de ” e “ morrer por mãos de ” e (Michaelis...,1998) insere, também, uma variante gramatical por mudança de preposição (3), “ morrer por mãos de ” com acepção definicional de “ser assassinado ou executado por alguém”.
XXI	Não há inserção do sintagma verbal fraseológico nos dicionários brasileiros analisados.

Nas codificações, a trajetória diacrônica fixacional do sintagma apresenta, no século XX, variantes sintáticas em relação ao complemento externo. As variantes certificam que o sintagma não apresenta uma estabilidade fixacional, apesar da constância do ordenamento dos componentes, fato que fragiliza o nível fixacional.

O caminho histórico da idiomaticidade começa com uma gramaticalização que tipifica o sintagma com dois sentidos figurados: um bem próximo da literalidade “ser morto por ele” e

um mais distante, marcado linguisticamente como figurativo que denota a situação de morte por elementos subjetivos, como a “inveja” e o “esquecimento”.

Pelos presentes dados, podemos observar que o sintagma verbal fraseológico se institucionalizou nos dois primeiros séculos com aspectos mais metafóricos, perdendo o sentido mais idiomático no decorrer do século XX.

Ter de sua mão: soste. (*Deos nos tenha de sua mão*)

XVIII	[...] Carmo e dentro dos ditos llemites e Comfrontaçoẽs moraua ella ree e tinha posto de sua mão os filhos de Martim rodrigues./ e que por reconuenssão/ prouaria que os ditos autores [...] (Arquivo: AOO_1535) [...] he largam os fóros que tem cobrado até hoje dos colonos que você tinha de sua mão nas ditas terras aforadas e lhos não pediram em tempo algum pelos haver cobrado [...] (Arquivo: HOO_0188)
XIX	Nenhum resultado

As ocorrências no *corpus* do momento sincrônico do século XVIII não salientam uma estabilidade fixacional e idiomática, afastando sobremaneira uma possível institucionalização do sintagma.

XX	Freire (1939 – 1944) e (Michaelis...,1998) inserem a variante “ ter da sua mão ”, sendo que o primeiro com a marcação linguística de locução verbal. Ferreira (1975) e Ferreira (1999) contemplam a variante sintática “ ter mão em ”.
XXI	Houaiss (2001) insere a estrutura fixacional “ ter de sua mão ” e as variantes sintáticas “ ter mão em ” e “ ter pela mão ” e Ferreira (2010) contempla a variante sintática “ ter mão em ”.

Nos demais séculos, as codificações mostram que a diacronia fixacional do sintagma apresenta variações sedimentadas por variantes gramaticais e sintáticas e, apesar das variações, a ordenação se manifesta estável, proporcionando pequenas restrições combinatórias.

O caminho idiomático exhibe um breve reforço na gramaticalização que parte do sentido de “sustentar” para o “amparar e proteger”. O distanciamento entre o sentido figurado e literal é mínimo, emprestando ao sintagma um nível baixo de idiomaticidade.

Os dados externam que o sintagma verbal fraseológico atinge o século XXI com codificações que denotam um nível mediano de fixação e idiomaticidade.

Ter mão: no s. sustentar, soste, que não caia; impedir. (*Tive lhe mão que não fosse brigar; tiverão mão no primeiro conselho*).

<p>XVIII</p>	<p>[...] estão certos, com um êrro indesculpável, que o Padre-Confessor lhes há de ter mão em todos os seus excessos, e que dêle só dependem, não sendo [...] (Arquivo: AOO_0312)</p> <p>[...] Em Portugal açude he obra de pedra e cal, muy escarpada para ter mão na parede que repreza as agoas de hũa levada, ou de hum rio [...] (Arquivo: AOO_0643)</p> <p>[...] do rio Solimões e do rio Branco, e farinhas da Cachoeira, para ter mão da vida dos que ali se acham por mero capricho. Viemos dormir com [...] (Arquivo: AOO_1138)</p> <p>[...] mais piquenas, porque também zomba do pari, nem valem estacas para lhe ter mão. Perseverando porém a tapagem, acodem dentro os pescadores, e para não [...] (Arquivo: AOO_1888)</p> <p>[...] cinza, já o barro está cozido, duro como pedra, e pode ter mão na grande carga, que tem por cima: depois de cozido todo o [...] (Arquivo: AOO_1890)</p> <p>[...] um missionário é remédio fácil, e eficaz. Basta para impedir, e ter mão nas formigas o não capinar a erva, e relva que lança na terra [...] (Arquivo: AOO_1948)</p> <p>[...] uga dos negros, destes se não restituirem; que receava muito não poder ter mão neles para que deixassem de fazer algum desatino. ” 2oº - Continuando como [...] (Arquivo: HOO_0214)</p> <p>[...] do rio Solimões e do rio Branco, e farinhas de Cachoeira, para ter mão da vida dos que ali se acham por mero capricho. Viemos dormir com [...] (Arquivo: HOO_0223)</p> <p>[...] se contavão os mortos pelos enfermos, athe que a misericórdia de Deos tendo Mão na existência dos moradores, suspendeo o açoute, restaurando as suas ruínas, e [...] (Arquivo: AOO_0825)</p>
<p>XIX</p>	<p>[...] suas minas, ou ás margens dos rios, ainda lutam, ainda pretendem ter mão na esfarrapada fortuna. Estes arraiaes, povoações todas de mineiros, que em [...] (Arquivo: AOO_2355)</p> <p>[...] uma braça uma das outras, e presas a estas estacas estão taquaras para ter mão na terra quando se for encher as faxinas que se forem no parapeito tem [...] (Arquivo: HOO_0230)</p>

Os *corpora* expressam um caminho diacrônico estabilizado da estrutura fixacional, nos séculos XIX e XX, inclusive priorizando o verbo no infinitivo. A idiomaticidade também se mantém como o aspecto metafórico de “sustentar” e “impedir”.

<p>XX</p>	<p>Com a idiomaticidade de “segurar” ou “sustentar”, observamos a estrutura “ter mão em Lima; Barroso (1938), e “ter mão em” em Ferreira (1999). Já com a idiomaticidade de “deter ou impedir”, estão inseridas as variantes “ter mão em” em Freire (1939 – 1944) com marcação linguística de locução verbal; “ter mão” em Ferreira (1975); “ter mãos”, “ter mão”, “ter mão de” e “ter mão em” em (MICHAELIS...,1998); e “ter mão” em Ferreira (1999).</p>
<p>XXI</p>	<p>Com a idiomaticidade de “segurar” ou “sustentar”, observamos em Houaiss (2001) a variante “ter mão”, com marcação linguística de “antiga” e “ter mão de”, com base definicional “obstar, segurar”.</p> <p>Houaiss (2009) insere as variantes “ter mão” e Ferreira (2010) “ter mão” e “ter mão em”.</p> <p>Aulete (2011) registra a variante “ter mão”, com base definicional “interromper o que está fazendo, ou não fazer o que pretendia fazer, com marcação linguística de “antiga”.</p>

As codificações nos momentos sincrônicos dos séculos XX e XXI atestam que a diacronia fixacional apresenta variantes sintáticas que implementam um componente externo de generalização pelas preposições “de” e “em”. Apesar dos aspectos variacionais, o sintagma

apresenta uma ordenação estável e sólida restrição combinatória. As características variacionais implementam um processo fixacional que não denota um fechamento estrutural.

O caminho idiomático exibe uma gramaticalização que ao longo do tempo apresenta reforços consolidando um sintagma de múltipla idiomaticidade, acarretando distanciamentos variados entre os sentidos literais e figurados.

As estruturas finais exteriorizam sintagmas verbais fraseológicos somáticos com significativos valores fixacionais e idiomáticos.

Tomar a mão fallando: falar primeiro que os mais.

XVIII	[...] seguio um tumultuoso grito de soldados e moradores; o qual socegado, tomou a mão um dos soldados de André Vidal, que em nome dos que vinhão da [...] (Arquivo: H00_0510) [...] por secretario Brest, superior dos escabinos. — Congregados os oito, tomou a mão Gisberth With, e deo principio á conferencia, dizendo que os senhores do [...] (Arquivo: H00_0515) [...] Armada por fora, por não poder vir por dentro, ao que tomara a mão franc. o Caldeira de Castello branco, mandando avizo ao General frances, que lhe mandasse [...] (Arquivo: H00_0929)
XIX	Nenhum resultado

Pela compilação do *corpus*, do momento sincrônico do século XVIII, observamos a modificação do aspecto fixacional com a exclusão da unidade lexical “fallando” e a confirmação do aspecto idiomático “falar primeiro”, com significativa opacidade motivacional.

XX	Freire (1939 – 1944) insere a variante “ tomar a mão ” com acepção definicional de “tomar a palavra; ser o primeiro a falar”, com marcação linguística de “antigo” e locução verbal, e as variantes sinonímicas “ tomar a palavra ” e “ tomar a palavra a ” com marcação linguística de locuções verbais. (Michaelis...,1998) prioriza a variante “ tomar a mão ” com acepção definicional de “ser o primeiro a falar”, “ser o primeiro a fazer alguma coisa” e “adiantar-se, tomar a iniciativa”.
XXI	Borba (2004) insere apenas a variante sinonímica “ tomar a palavra ” com acepção definicional “começar a falar”.

As codificações desvelam que a trajetória diacrônica fixacional do sintagma se mantém somente até o século XX, com a exclusão do verbo no gerúndio “falando”. São apresentadas estruturas sinonímicas, consolidando-se como um sintagma com estabilidade ordenativa e restrição combinatória.

O caminho idiomático evidencia uma gramaticalização também estável, com o aparecimento de outros sentidos translaticios: “ser o primeiro a fazer alguma coisa” e “adiantar-se, tomar a iniciativa”. O distanciamento entre o significado literal e o figurado denota um significativo grau de idiomaticidade ao sintagma verbal.

Dessa forma, o sintagma verbal fraseológico apresenta, até o século XX, um expressivo grau de fixação e idiomaticidade. Tudo indica que o sintagma, no século XXI, foi substituído pelo sintagma sinonímico “**tomar a palavra**”.

OBSERVAÇÕES PERTINENTES

Pela observação das breves análises dos possíveis caminhos diacrônicos da amostragem de sintagmas verbais fraseológicos, compostos pelo substantivo mão, fundamentados nos aspectos da Fraseologia Histórica, podemos constatar que, no que toca ao aspecto somático, as estruturas apresentam uma aproximação da literalidade com os sentidos figurativos, concedendo à maioria uma classificação semi-idiomática. É notório, também, que ocorre um enriquecimento da carga figurativa pelos reforços na gramaticalização ao longo dos momentos sincrônicos, assim como novas bases definicionais que acalentam a literalidade. No tocante aos aspectos fixacionais, podemos apontar como caracterização geral a variabilidade pelas alternâncias do componente externo, sendo observado grande número de generalizações pelo uso de preposições.

Em relação às fontes, podemos perceber que o aproveitamento dos *corpora*, disponibilizados no DHPB, para sedimentar as institucionalizações, mostra-se pouco eficiente pelas exíguas ocorrências das estruturas, fato que dificulta o aprofundamento contextual para a confirmação de possíveis variantes ou variações nos aspectos idiomáticos, ao longo dos momentos sincrônicos. Por outro lado, as atualizações das publicações lexicográficas de um mesmo autor, ao longo dos momentos sincrônicos, podem mascarar algumas institucionalizações pela repetição de codificações não pertinentes ao real contexto temporal.

Finalmente, no que se refere ao aspecto temporal, podemos conceber que a análise diacrônica, em um pouco mais de dois séculos, anuncia-se insuficiente para a confirmação de variações substanciais em estruturas de paradigmas verbais fraseológicos na língua portuguesa.

CONCLUSÃO

O objetivo maior da pesquisa de apresentar uma aplicação dos aspectos teóricos da Fraseologia Histórica, sob a abordagem prospectiva, com a construção de caminhos diacrônicos de sintagmas verbais fraseológicos somáticos, nos aspectos da fixação e idiomaticidade, por meio de institucionalizações, acessadas por *corpora*, e pelas bases definicionais das codificações nas obras lexicográficas brasileiras, nos últimos períodos seculares, pode ser dado como atingido, apesar da breve amostragem e exíguo número de ocorrências encontrado nos momentos sincrônicos estipulados.

Demonstramos que a Fraseologia Histórica, além de perseguir a explicação da origem e a motivação inicial de cada unidade fraseológica, oferece-nos, também, o suporte por meio do método filológico, para desvendar em termos linguísticos a história particular de cada combinação léxica, elucidando as variantes e as variações que perambulam em um estado *continuum*.

Dessa forma, com esta breve pesquisa de aplicação do método filológico, esperamos contribuir de alguma maneira para que aflore o interesse pelos estudos da Fraseologia Histórica no âmbito da língua portuguesa brasileira.

REFERÊNCIAS

AULETE, Francisco Júlio de Caldas. **Novíssimo Aulete**. Dicionário contemporâneo da língua portuguesa. São Paulo: Lexikon, 2011.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo; MURAKAWA, Clotilde de Almeida. **Dicionário Histórico do Português do Brasil**. Disponível em: DHPB (unesp.br). Acesso em: 10 nov. 2023.

BORBA, Francisco da Silva. (Org.). **Dicionário UNESP do português contemporâneo**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

ECHENIQUE ELIZONDO, María Teresa. Pautas para el estudio histórico de las unidades fraseológicas. In: ALCONCHEL, José Luis Girón *et al.* **Estudios ofrecidos al profesor José Jesús de Bustos Tovar**. Madrid: Universidad Complutense, 2003. p. 545-560.

ECHENIQUE ELIZONDO, María Teresa; ALCALDE, María José Martínez. **Diacronía y gramática histórica de la lengua española**. 3. ed. Valencia: Tirant lo Blanch, 2005.

ECHENIQUE ELIZONDO, María Teresa; ALCALDE, María José Martínez; MÉNDEZ, Juan Pedro Sánchez. Perspectivas en el estudio diacrónico de la fraseología en su amplitud hispánica (Peninsular, insular y americana). In: ECHENIQUE ELIZONDO, María Teresa, et. El. (eds.). **Fraseología española**. Diacronía y codificación. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones científicas, 216. p. 17-32.

ECHENIQUE ELIZONDO, María Teresa; MARTÍNEZ ALCALDE, José; PLA COLOMER, Francisco P. (coord.). **La Fraseología a través de la historia de la lengua española y su historiografía**. Valencia: Tirant humanidades, 2017.

ECHENIQUE ELIZONDO, María Teresa. Los silencios del español en la fraseología (reflexiones en torno a su construcción diacrónica). In: NUÑES, Aberlardo San Martín; Gallardo, Darío Rojas; FAJARDO, Soledad Chávez (eds). **Estudios en homenaje a Alfredo Matus Olivier**. v.1. Santiago de Chile: Universidad de Chile, 2021a. p. 387-400.

ECHENIQUE ELIZONDO, María Teresa. **Principios de fraseología histórica española**. Madrid: ARS MAIORVM, 2021b.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. **Novo Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa: século XXI. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. **Dicionário Aurélio**. São Paulo: Editora Positivo, 2010.

FREIRE, Laudelino. **Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: A Noite S A Ed., 1939-1944. 5v.

GARCÍA-PAGE, Mario. **Introducción a la fraseología española**. Estudio de las locuciones. Barcelona: Anthropos, 2008.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; MELLO FRANCO, Francisco Manoel de. **Dicionário do português atual Houaiss**. Lisboa: Círculo Leitores, 2011. 2v.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LIMA, Hildebrando; BARROSO, Gustavo. **Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938.

MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1961-1969. 4v.

PAUL, Hermann. **Princípios fundamentais da história da língua**. Tradução de Maria Luisa Schemann. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1966 [1880].

RUIZ GURILLO, Leonor. **Aspectos de fraseología teórica española**. Valencia: Universitat de Valencia, 1997.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 2012. [1916].

WHITNEY, William Dwight. **A vida da linguagem**. Tradução de Marcio Alexandre Cruz. Petrópolis: Editora Vozes, 2010 [1875].

Recebido para publicação em: 14 fev. 2024.

Aceito para publicação em: 14 maio 2024.